



## ARTIGO

## “Questionando os por quês”: Cartografias de performatividades LGBTQIA+ e a resistência à heteronormatividade

Edson Stapassola, *Unochapecó*

Anderson Schuck, *Unochapecó*

---

**Resumo.** A pesquisa buscou analisar a performatividade de pessoas LGBTQIA+, elaborando sentidos atribuídos ao sexo, sexualidade e gênero, e as possibilidades de resistência à heteronormatividade. Surge como uma tentativa de produção de resistências, articulada enquanto ações criativas e dirigidas à emancipação. Apresenta caminhos e reflexões que se desenvolveram a partir dos parâmetros de pesquisa-intervenção cartográfica, que permitiu elaborar as metas no decorrer do processo, visando acompanhar modos de subjetivação. Para tanto, a pesquisa se concentrou na experimentação de um dispositivo grupal, amparado em oficinas estéticas esquizoanalíticas, que propiciou construir o conhecimento com o próprio grupo. Por meio do grupo como dispositivo de pesquisa e intervenção foi possível articular um espaço de resistência, em que a potência dos encontros, dos materiais produzidos, contribuiu para reafirmar o caráter de construção social do sexo, sexualidade e gênero, produzindo possibilidades de resistência à heteronormatividade, ao apostar nos questionamentos das matrizes identitárias, nas descobertas e experimentações envolvendo o sexo e em outros modos de performar os corpos e existências.

**PALAVRAS-CHAVE:** LGBTQIA+. Gênero. Sexualidade. Cartografia. Heteronormatividade.

---



## Introdução

Iniciarei com os porquês que me movimentaram nesse trabalho. Os questionamentos que envolveram a minha sexualidade e identidade de gênero, e de um performar que por muito tempo foi e ainda é vivido entre meio de muitos conflitos sociais e subjetivos. Mas de onde surgiram esses conflitos e as expectativas que me acompanham? O quanto foi possível refletir e questionar sobre essas expectativas ou tive que assumi-las de modo instituído? Neste campo de questões, de uma busca por uma auto aceitação constante em relação uma conflitiva de sentir, de amar, de existir contrária dos ditos “corretos”, a proposta deste artigo, apresenta caminhos de uma pesquisa de graduação em psicologia que se propôs a estabelecer problematizações envolvendo a performatividade de gênero e sexualidades, que partiram das experiências do pesquisador, mas que se articularam e foram multiplicadas no contato com as diversas pessoas que participaram deste processo, através de espaços em que se pudesse dialogar abertamente sobre os temas. Saliento desde já, que não se buscou encontrar respostas prontas ou promover novas normativas para as condutas sociais, mas intensificar os porquês, permitindo questionamentos e diálogos sobre nós, pessoas LGBTQIA+, e os possíveis conflitos, esperanças, desejos, dissidências, resistências e de afirmação da vida.

O estudo buscou analisar a performatividade de pessoas LGBTQIA+<sup>1</sup>, elaborando sentidos atribuídos ao sexo, sexualidade e gênero, e as possibilidades de resistência à heteronormatividade. Abordar estes temas não é apenas falar das diferenças, mas também nas desigualdades produzidas em função da construção dessas diferenças (SALIH, 2012). Desigualdades presentes a partir do momento em que as normativas historicamente construídas, atravessadas por relações de poder, exigem que nos tornemos de um gênero ou de outro, em que o poder é instituído como um modelo de organização social e como tal, constituído socialmente. O poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas se exerce, só existe na ação (FOCAULT, 2019).

Com isso, exercer um gênero envolve uma ligação direta com o poder, por meio da reprodução de normas e estereótipos que buscam

---

<sup>1</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, + (o mais serve para abranger as demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações da identidade gênero). Embora já existam outras variações da sigla em movimentos internacionais, vale lembrar que essa ainda não abrange todas as possibilidades envolvendo a diversidade de gênero e sexualidades. Este artigo adotará a definição LGBTQIA+ pelo fato de ser a mesma denominação utilizada por diversos autores utilizados no decorrer do artigo.



reafirmar a heterossexualidade como destino natural e universal. Neste contexto, performar fora dos padrões, mais especificamente como LGBTQIA+, nos coloca frente uma precariedade, uma condição politicamente induzida, no qual sofremos com a fragilidade de redes econômicas e sociais mais que outros, nos tornando mais expostos aos danos, a violência e a morte (BUTLER, 2015). Ser LGBTQIA+ é conviver cotidianamente com sentimentos de incerteza e expostos a vulnerabilidades, quanto a nossa existência e sobrevivência (simbólica e de fato), em que resistir muitas vezes não é uma opção, mas a única forma de manter-se vivo.

Assim, esse artigo surge como uma tentativa de produção de resistências, enquanto ações criativas, dirigidas à emancipação, em conflito com o silêncio e a invisibilidade em que nós, pessoas LGBTQIA+ estamos inseridos. Como também, a possibilidade de dar voz a aqueles que cotidianamente são oprimidos por produzirem modos de oposição e enfrentamento as normativas sociais em torno de sexo, sexualidade e gênero.

Por meio das obras de Judith Butler podemos compreender o sexo, sexualidade e gênero como construções sociais, que se modificam com o tempo, pois os sujeitos que formam a sociedade se movimentam e se reconstróem, em processos de reorganização constante. Para a autora citada, a construção da identidade sexual é descrita como um ato político, discursivo e sócio histórico (BORGES, 2014). Para tanto, apresenta a ideia de performatividade a respeito do exercício da sexualidade, ou seja:

Butler desfaz a distinção sexo/gênero para argumentar que não há sexo que não seja já e, desde sempre, gênero. Todos os corpos são “genericados” desde o começo de sua existência social (e não há existência que não seja social), o que significa que não há “corpo natural” que preexista à sua inscrição cultural. Isso parece apontar para a conclusão de que gênero não é algo que somos, é algo que fazemos, um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos, um verbo em vez de um substantivo, um “fazer” em vez de um “ser” (SALIH, 2012, p. 89).

Com base no exposto, exercer um gênero é desempenhar um papel, uma performatividade socialmente criada, principalmente nos discursos que perpassam uma ordem heterossexual. Nosso sexo, sexualidade e gênero, começam a se estruturar a partir do momento que criamos significantes por meio da linguagem para nossos comportamentos e desejos, em que a identidade de gênero e orientação sexual se organiza a partir de regimes de linguagem (SALIH, 2012). Podemos considerar a



sexualidade como um dispositivo histórico, em que "[...] a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder" (FOUCAULT, 1999a, p. 100 *apud* OLIVEIRA, 2021, p. 08). Nesse sentido, a heterossexualidade se estabelece como algo compulsório, reprodutivo, institucionalizado e, portanto, naturalizado.

Com objetivo de penetrar nos corpos, controlar os prazeres, as sensações e as populações, esses dispositivos que naturalizam a heterossexualidade como norma (normal), desenvolvem ações de caráter produtivo e regulador, em que prazer e poder se entrelaçam aos processos de subjetivação e sujeição. Nesse sentido, a produção social da subjetividade compreende um sujeito forjado a partir de uma comunidade com normas, conceitos, valores e toda uma teia cultural já formada, que independem da sua existência. Conforme vai se desenvolvendo, e interagindo com os microssistemas em que está inserido, o mesmo vai se constituindo como parte dele, e isso terá forte influência no seu senso crítico a respeito do mundo (MANSANO, 2009).

Tendo como base a matriz da heterossexualidade compulsória, as identidades são produzidas, reguladas e se repetem até serem normalizadas, a exemplo de um homem que deve atender aos padrões de masculinidade, possuir um pênis e desejar exclusivamente corpos de mulheres. Tal aspecto de regulação pode ser observado nas relações de poder/saber que se estabelecem na gestão da sexualidade das crianças; na especificação e classificação das sexualidades periféricas; no prazer-poder da vigilância médica, pedagógica, familiar, social, legal, canônica e confessional; e nos dispositivos de saturação sexual com a redução da sexualidade ao casal heterossexual legítimo (OLIVEIRA, 2021).

Neste contexto, a heteronormatividade perpassa inclusive a significação das identidades e da sexualidade de sujeitos LGBTQIA+, autorizando e limitando determinadas expressões e vivência, a exemplo das hierarquias de gênero representada pelas posições (papéis) sexuais exercidas pelos sujeitos (ativo/passivo, homem/mulher), como na adesão ou não de pautas voltadas aos direitos e diversidade de gênero e sexualidades (ficar no armário). Ou seja, o poder além de regular os corpos que se estabelecem dentro do padrão heterossexual, igualmente exercem efeitos na tentativa de controle das condutas e subjetividades dos corpos desviantes da heteronorma.

Considerando estes vetores que envolvem as experiências envolvendo gênero e sexualidades, os questionamentos à



heteronormatividade e as resistências LGBTQIA+, o presente artigo apresenta caminhos e reflexões de pesquisa que se desenvolveu a partir dos parâmetros de pesquisa-intervenção cartográfica (PASSO; BARROS, 2009). Os resultados da pesquisa que se concentraram na experimentação de um dispositivo grupal, amparado em oficinas estéticas esquizoanalíticas. Este método de construir a pesquisa situa os sujeitos participantes da pesquisa numa posição ativa, de forma que pesquisador e pesquisado, trabalharam juntos na construção de sentidos da realidade investigada, ambos comprometidos em ações voltados à produção de linhas de enunciação e visibilidade de certo território existencial, buscando ainda transformação das possibilidades de ser e agir. (CAVAGNOLI; MAHEIRIE, 2020).

## **Pistas e Passos da Cartografia**

A cartografia como método de pesquisa-intervenção, coloca o ato de pesquisar relacionado ao plano da experiência, acompanhando os efeitos de uma processualidade que ganha forma na relação entre pesquisador e participantes. Este método considera que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos do processo de pesquisar, se colocando como um modo de intervenção, visto que o conhecimento vai se produzindo nos caminhos da pesquisa. Nessa direção, a cartografia se estabelece por meio de pistas, das demandas que vão surgindo no decorrer da pesquisa (KASTRUP; PASSOS, 2013).

A processualidade envolve a construção de processos subjetivos que estão em constante criação, na sua composição em tempo presente (PASSOS; KATRUP; ESCÓSSIA, 2009). Para tanto, a lógica cartográfica coloca participantes da pesquisa e pesquisador em encontros dialógicos e horizontalizados, cujo pressuposto principal é a produção de um conhecimento que se objetiva entre as subjetividades e experiências engendradas coletivamente (BAREMBLITT, 1996).

Esta perspectiva ético-política de pesquisa não tem como intenção representar seu objeto de estudo, mas sim conhecê-lo de forma dialógica, em seu território, constituindo vínculos e afecções. Pressupõe a habitação de um território existencial, o que exige um aprendizado do próprio cartógrafo, disposto a composição, com as diversas paisagens psicossociais, se permitindo fazer parte deste território e que ele faça parte de si, ou seja, na posição de encontrar ao invés de buscar algo (PASSOS; KATRUP; ESCÓSSIA, 2009).



É a partir destes princípios que optamos pela configuração do dispositivo grupal, compreendendo a cartografia como necessariamente implicada na construção de dispositivos de intervenção, capazes de sustentar acontecimentos gestados na relação entre pesquisador e participantes, produzindo a realidade, ao mesmo tempo em que o próprio dispositivo, através de seu funcionamento no grupo, oferecia visibilidades e discursos capazes de expressar a realidade de formas inéditas. O desenvolvimento do contexto grupal possibilitou a criação de um espaço potencializador, que incentivou a criação dos sujeitos que ali se encontravam, para assim analisar suas experiências sob diferentes olhares e construir novas subjetividades (PEREIRA; SAWAIA, 2020).

## **Grupo Como Dispositivo De Pesquisa-Intervenção**

A proposição de um dispositivo grupal compreende um plano de experiências, voltadas à produção de relações horizontalizadas e de transversalidade, entre as subjetividades e singularidades de seus participantes, em conexão ao plano das instituições que as delineiam. O grupo, portanto, permite a desindividuação, uma desidentificação frente à condição de sujeição e vulnerabilidade associadas às identidades dos sujeitos que ele aborda (BENEVIDES, 1996, p. 22).

Ao pensarmos no dispositivo grupo aliado a cartografia, nos ancoramos na perspectiva esquizonanalítica, como exposto por Deleuze (1990) e Hur (2012), em que o dispositivo é compreendido como conjunto heterogêneo de práticas, discursos, formas possíveis aos encontros e à enunciação, que quando disposto no plano coletivo de uma experiência, permite a transformação dos agenciamentos já constituídos, produzindo novos arranjos de subjetivação e singularização das experiências coletivas, implicadas na transformação de determinada realidade.

Enquanto dispositivo o grupo é capaz de promover espaços potencializadores, que incentivam a criação nos sujeitos que ali se encontram, possibilitando criar, ousar, devir. O dispositivo-grupo se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem, sendo elas de visibilidade e enunciação, são "máquinas que fazem ver e falar" (BENEVIDES, 1996, p. 100), que em cada formação histórica vai construir formas de subjetividades próprias. Este dispositivo compreende também: 1) as linhas de força, de poder-saber no dispositivo-grupo, em que o rastreamento das forças em jogo se faz pelo mapeamento da



manutenção/desmanchamento das instituições, na naturalização/desnaturalização dos modos de viver/sentir, do acompanhamento dos fluxos que se deslocam no tempo, produzindo modificações nos territórios constituídos, e; 2) as linhas de subjetivação, invenção dos modos de existir, produção de subjetividades num dispositivo (BENEVIDES, 1996).

No trabalho grupal estabeleceram-se conexões não apenas entre pessoas, como também entre modos de existencialização diferentes. Isto produz um vasto campo de confrontos, de interrogações, que se propagaram criando fossos onde antes estava cimentado, permitindo novas subjetivações, novas formas de existir (BENEVIDES, 1996). Como efeito, a partir do movimento da pesquisa cartográfica foi possível criar dispositivos, partindo das necessidades do território, das distintas posições discursivas existentes, da maneira como as pessoas se relacionavam, bem como produzir encontros, para a partir destes mobilizar o reconhecimento do grupo. A medida que se compunha o grupo, já era feita uma parte do movimento cartográfico, que diz sobre conhecer o contexto, assim como o posicionamento das pessoas em relação ao território e junto com elas modificá-lo (HUR, 2012).

Com efeito, o pesquisador não deve compreender o grupo de fora, mas sim participar incluindo sua subjetividade, na medida em que a processualidade se torne uma combinação de saberes. Entende-se, portanto, que o objetivo do grupo era proporcionar práticas capazes de impulsionar ressignificações das relações entre sujeitos, comunidades, famílias e instituições, que promovessem a singularização e estratégias de resistência e criação. Neste sentido, o trabalho da psicologia estava implicado em constituir processos de subjetivação que tivesse relação com desnaturalização de lugares, problematizando a maneira como eram situadas e fixadas as identidades, que delimitava alguns que eram “capazes de governar” e outros “não capazes de governar” (BENEVIDES, 1996).

A produção do conhecimento se estabeleceu no contato entre os participantes do processo grupal, construindo novos significados e experiências, produzindo outros mapas de realidade. Dessa forma, o grupo se afirmou enquanto dispositivo político emancipador, capaz de produzir conhecimentos por meio das relações entre os diferentes saberes, com objetivações práticas e discursivas, criadas caso a caso, se orientando



por uma ética dos encontros, de abertura para outros movimentos de subjetivação e objetivação (CAVAGNOLI; MAHEIRIE, 2020).

## Contato Com Os Integrantes Dos Grupos

Pautado nas perspectivas cartográficas e esquizoanalíticas, a composição do dispositivo grupal contou com a participação de pessoas que se reconhecem como LGBTQIA+. Após a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos<sup>2</sup>, foi realizado diálogos com pessoas que integram a UNA LGBT fração Chapecó<sup>3</sup>. No contato inicial com os dirigentes da entidade foram expostos os objetivos da pesquisa e as estratégias metodológicas para seu desenvolvimento, e com o consentimento destes, o pesquisador foi inserido no grupo de WhatsApp com os membros da UNA LGBT.

Com a mediação dos dirigentes da entidade, enquanto interlocutores privilegiados, foi feito no espaço do WhatsApp uma breve exposição da proposta de pesquisa-intervenção e convite para participação no grupo da pesquisa. Para integrar as atividades, destacou-se como critérios: ter mais de 18 anos, residir na cidade de Chapecó, ter disponibilidade para participar dos encontros, e assinar o Termo De Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e o Termo de Consentimento para uso de imagem e voz (TCIV). Feita a divulgação-convite, em torno duas semanas já havia o número necessário (seis pessoas de acordo com o projeto inicial) para iniciar as atividades grupais.

## Movimentos Iniciais Do Grupo

Os participantes do grupo compreendiam a si mesmos enquanto pessoas LGBTQIA+, e nesse sentido aceitaram estabelecer relações e afetos, e produzir conhecimento com o grupo, enquanto um dispositivo de pesquisa-intervenção. Para efetivação dos encontros, foram estabelecidos alguns acordos iniciais, no primeiro encontro presencial com os participantes, em que foi definido que o grupo seria fechado, sem a

<sup>2</sup> Número do Parecer: 5.260.746 e CAAE: 53719621.0.0000.0116 – CEP Unochapecó.

<sup>3</sup> A União Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, fração Chapecó, é uma sociedade civil organizada, com objetivo de luta pela emancipação política e humana, que visa defender ideias no campo da consciência de classe e da garantia de direitos, por meio de promoção de ações políticas, educativas e sociais. Criada em fevereiro de 2016, foi primeira entidade LGBT do município, com atuação nas políticas de visibilidade do movimento LGBT na região (BARP et al., 2022).





entrada de novos participantes, com ressalva daqueles que já haviam manifestado no grupo de WhatsApp o desejo em participar, mas por motivos pessoais não poderiam comparecer no primeiro momento. Pactuou-se também, que seria permitido o registro de fotografias, para mobilizar o processo dialógico e a análise coletiva do processo. Assim, foram combinados, inicialmente, três encontros com duração de aproximadamente 1h30min, que posteriormente foram estendidos para quatro encontros, em concordância entre o pesquisador e os participantes, visto a necessidade em ter mais um encontro para aprofundar os objetivos propostos. Os encontros ocorreram nas terças-feiras, às 19h, em um plenário que fica nas dependências da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó.

Segue abaixo uma tabela-síntese dos encontros, contendo uma breve identificação dos participantes (idade e escolaridade) e os encontros que estiveram presentes. Vale informar que os codinomes são fictícios, escolhidos pelos próprios integrantes do grupo. Ainda, optou-se por não classificar a identidade de gênero e orientação sexual considerando problematizações envolvendo a performatividade e heteronormatividade, pontos a serem explorados no decorrer das análises. Da mesma forma, não serão especificados aspectos das profissões e hobbies, de modo a não facilitar a identificação dos mesmos.



**Tabela 1: Tabela-Síntese Dos Encontros**

Identificação	Idade	Escolaridade	Participação encontros			
			Encontro 1: 12/04/2022	Encontro 2: 19/04/2022	Encontro 3: 26/04/2022	Encontro 4: 03/05/2022
Inácio	58	Superior completo	Presente	Presentes	Presente	Presente
Roberto	22	Superior completo	Presente	Presente	Presente	Presente
Ione Lau	24	Superior completo	Ausente	Presentes	Presente	Presente
Guilherme	19	Ensino médio completo	Ausente	Presente	Ausente	Presente
Maria	25	Cursando ensino superior	Presente	Presente	Ausente	Ausente
Emília	21	Ensino médio completo	Presente	Ausente	Presente	Presente
Edson	25	Cursando ensino superior	Presente	Presente	Presente	Presente

*Tabela elaborada pelos autores.*



## Primeiro Encontro: Experimentando Os Porquês

Nesse encontro o objetivo consistia em desenvolver a consciência de grupo, criar um espaço de identificação e vinculação entre os presentes, de modo que o contexto grupal se configurasse como um espaço potencializador, de criação e partilha de experiências, de acompanhar novas formas de subjetividade (PEREIRA; SAWAIA, 2020).

No momento das apresentações dos integrantes, foi proposto uma atividade inusitada, de dizer quem eram, sem utilizar da linguagem verbal, apenas linguagem corporal. Inicialmente observei um receio entre os integrantes, um medo de se expor diante dos rostos não conhecidos que ali se encontravam. Comecei a minha apresentação, enquanto pesquisador que faz parte deste campo, meio envergonhado, “engessado”, mas tentando expor quem eu era e, com gestos tímidos, demonstrei com as mãos, face e dorso curvado, uma pessoa com muitos porquês, curioso em encontrar respostas. Um a um, os integrantes foram se expressando, demonstrando por gestos suas profissões e seus hobbies, com interesse em representar algo que simbolizasse suas características pessoais. Após esta etapa de expressão, os participantes foram convidados a falar sobre as percepções da apresentação dos demais, e nesse diálogo observou-se o reconhecimento enquanto pessoas LGBTQIA+.

Subsequente a este momento, foi proposto uma apresentação verbal, e a medida que os participantes foram falando sobre si, articulações entre o grupo foram surgindo, com conexões entre as falas. Os integrantes referiam idades variadas, dos 21 aos 58 anos, e expressavam por meio da linguagem sua identidade, em que a partilha do comum era a identificação como LGBTQIA+. Em cada fala, de forma livre e espontânea dos integrantes, surgiu o processo individual de cada um, da sua constituição como sujeitos e dos questionamentos às normas sociais. De forma transversal, os comentários envolviam a dificuldade de existir, se expressar dentro de um município “grande” (“*a capital do oeste catarinense*”), mas ao mesmo tempo pequeno, seja na cultura (marcada por um conservadorismo moral, religioso e econômico), nos espaços de interação social e de respeito às diferenças de gênero e orientação sexual.

O intervalo entre as idades dos participantes, permitiu o compartilhamento de experiências que envolviam outros tempos e espaços, de vivências em outras cidades e contextos, em que era permitido viver e expressar quem se é. Uma frase marcante foi “*experimentar os por quês*”, no sentido de se permitir questionar as situações do cotidiano, deslocando certos discursos e práticas, de poder tirar conclusões com base



nas suas próprias experiências, de novos parâmetros de reflexão e julgamento sobre suas existências.

Dentro do recém-constituído grupo, surgiu o debate a respeito do enquadramento dentro da própria comunidade LGBTQIA+, em que a sigla foi problematizada, como algo institucionalizado, em que ao pertencer a uma das letras, não seria autorizado outras possibilidades de identificação/experimentação, como foi exposto na fala de um dos integrantes “*eu gosto de gente*”. Tal ponto remete ao processo de identificação, no qual a identidade se articula como um ideal normativo, ao invés de características descritivas da experiência. Norma que captura pela produção de identidades fixas, reproduzindo/naturalizando os binarismos de gênero (necessidade de performar dentro dos limites impostos para o masculino e feminino, orientados pelo desejo heterossexual), ao mesmo tempo produzindo e classificando os corpos que desviam do sistema normativo de gênero e orientação sexual. Tal processo fomenta o cerceamento das liberdades sexuais, incorrendo nos mais diversos traumas e na constatação de que a regulação destas identidades, seus corpos e desejos se manifesta pela proibição, tanto em se expressar da forma que lhe é conveniente, quanto de viver seu desejo sem medo de represálias (BUTLER, 2021).

Outro ponto comum no discurso dos integrantes foi a importância da instituição de ensino superior na sua constituição enquanto pessoas LGBTQIA+, para o desenvolvimento do senso crítico nestas temáticas, e por oportunizar a vivência de novas experiências, por meio das relações sociais propiciadas nestes locais, que permitiram outros modos de subjetivação. Nessas relações com o contexto universitário, outras linhas de enunciação e visibilidades se estabeleceram, produzindo condições para um performar diferente, questionador e que fomentou modos de resistência a contextos opressores e de silenciamento.

A partir desse primeiro encontro, e da aposta na composição do grupo como dispositivo de pesquisa e intervenção, observei que os integrantes iniciavam relações de partilha e reconhecimento, em que eu mesmo, na posição de pesquisador e membro, estava coexistindo com aqueles sujeitos. Dialogando sobre nós, nossas histórias e experiências, configurando um comum, mas ao mesmo tempo possíveis de abarcar a heterogeneidade da constituição enquanto sujeitos, na diversidade de afetos, corpos e desejos. Coletivamente, ao nos identificarmos, (re)experenciarmos, reexaminamos e deslocamos pretensões



universalizantes de corpos, movimentos, vozes e expressões, ousando interrogar e desafiar os próprios limites do que nos foi (im)possibilitado existir.

## Segundo Encontro: Sexo, Fantasia e Arte

Sexo, sexualidade e gênero, sempre despertaram a curiosidade das pessoas, tanto por sua potência criadora, quanto pelo controle que a sociedade busca exercer. De acordo com as proposições de Butler (*apud* SALIH, 2012), o sistema sexo-gênero-desejo envolve criações sociais, em que formulações a respeito de identidade se posicionam como um processo contínuo, um devir. Contudo, a partir dos usos ideológicos do biológico/natural, a sociedade pautada na matriz heterossexual, busca colar nossa identidade de acordo com nossos órgãos genitais (pênis ou vagina), fazendo como que gênero sexual exerça um papel de organizador de como os corpos devem se expressar e se comportar, incluindo aqui as possibilidades de vivências do desejo/prazer (OLIVEIRA, 2017).

Seguindo tais inspirações teóricas, para o segundo encontro, foi proposto ao grupo expressar o que era sexo por meio da arte, utilizando a pintura em tela. Mais uma vez, buscou-se a expressão não verbal, justamente para trazer aquelas representações que não encontram sentido nas palavras. Este movimento dialogou com a esquizoanálise, ao entender que a subjetivação se estabelece como processual e sujeita a transformações contínuas, compreendendo as formas de estabilização do ser e do campo social enquanto arranjos provisórios de territórios existenciais, paradas no devir, passíveis de variação (CAVAGNOLI *et al*, 2020). Nesta perspectiva, em diálogo com as ideias de Jacques Rancière, podemos pensar a arte e a experiência estética, enquanto:

[...] lugar de problematização das expressões já consensuais do real, permitindo, no livre jogo entre reflexão e afeto, a emergência de novas formas, conteúdos e agenciamentos. São as expressões inéditas que daí resultam, que oferecem ao dispositivo grupo um suporte móvel à recomposição constante da experiência singular, justamente pela capacidade que a objetivação artística tem para engendrar visibilidades, sensações e reflexões que tomam forma em meio ao movimento do coletivo (CAVAGNOLI *et al*, 2020, p. 69).

Para a surpresa dos integrantes, a oficina tinha a dinâmica de a cada 5 minutos ocorrer uma troca de tela, em que se continuava a pintar na tela do colega ao lado, fomentando a elaboração dos sentidos, nas



interrelações entre as diferentes subjetividades. Depois de 45 minutos de expressão artística, fomos tela por tela, buscando compreender o que se desejava expressar de modo singular e também enquanto produção coletiva. Alguns falavam sobre a energia sexual, sobre a potência, outros sobre ver órgãos nas telas, como vagina, pênis e ânus, mas cada qual tinha o seu próprio olhar diante daquilo que foi construído em conjunto.

No processo de análise das telas com os participantes, uma chamou a atenção do grupo, visto que a pintura havia iniciado com a representação de uma pessoa sozinha no meio da tela em branco e conforme ocorria o rodízio entre as telas, foi inserido mais elementos, como escadas e mais cores, que foram simbolizadas como um caminho a seguir e a explosão de possibilidades. Ressalto esta tela (Figura 1), por ser significativa para a performatividade dos sujeitos LGBTQIA+, em relação aos sentidos do sexo abordados pelo grupo, visto como algo difícil no início, em que os sujeitos muitas vezes se sentem sozinhos e o caminho a percorrer é árduo, mas o desejo de experienciar, de viver livremente os impulsiona a subir os íngremes degraus, explodindo em potencialidades.

### **Figura 2: Representação de sexo**



*Tela construída pelo grupo na oficina estética no segundo encontro.*

Ao dialogar sobre outras telas, também foi compartilhado a dificuldade em continuar o desenho anterior, expresso pelo medo de



estragar o processo do outro, questão que foi analisada pelos integrantes como um modo de se sentir culpado em se satisfazer no ato sexual, fazendo com que muitas vezes satisfaçam o outro e deixem os próprios desejos/afetos de lado. Em outro desenho, foi comentado da dificuldade de continuar a produção devido ao excesso de linhas retas, o que foi simbolizando como possíveis barreiras, que poderiam ser superadas com outros olhares que pudessem ver através dos obstáculos. Também houveram falas pela preferência de apenas continuar os desenhos já iniciados, algo que em conjunto nos recordou os papéis sexuais que são colocados à nossa disposição e o quanto é difícil superá-los, no desafio de expressar uma sexualidade diferente daquela socialmente imposta. No final da análise das telas, solicitei cada integrante do grupo escrevesse uma palavra que simbolizasse o que era sexo, surgindo as seguintes: experiência, contato, energia, conexão e fluido.

Por meio da oficina estética, pude observar o quanto o sentido de sexo é subjetivo para cada um, apontando para uma multiplicidade e diversidade de significações e experiências. Entre os sujeitos participantes do grupo, ainda há um movimento de descoberta dos significantes de sexo, o que me faz pensar sobre a importância dos ambientes (da cidade, da universidade, dos espaços de encontros) que possibilitem um olhar livre sobre a sexualidade, aberto a novos modos de relação consigo e com o outro.

Ressalto que a atividade com pintura se mostrou uma ferramenta de grande potência para movimentar novos territórios e sentidos a respeito do sexo, como pude observar na seguinte fala: *“sexo é uma fantasia, e por meio da arte é permitido quebrar a monotonia do sexual”*. Monotonia que representa o consenso de um imperativo heteronormativo, que tenta limitar e criar barreiras aos desejos e usos dos prazeres, do poder que busca se estender para dentro dos corpos. Para tanto o pintar, colorir, expandir as formas, é um modo de desorganizar e desestabilizar o que se pretende ser natural e destino em nossa cultura.

## **Terceiro Encontro: Sexualidade E Gênero**

Para o terceiro encontro, a oficina tinha por objetivo construir sentidos para a sexualidade e o gênero, demarcando as influências da heteronormatividade em suas performatividades. Compreender o sistema sexo, gênero e desejo, envolve entendê-los como efeito de práticas



discursivas, linguisticamente elaborado, com vários determinismos acerca dos significados do gênero, inscritos em corpos diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes de uma lei cultural (BUTLER, 2021).

O início do terceiro encontro se estabeleceu com um momento de aquecimento, alongamento, para tentar aliviar a tensão e preparar para as atividades seguintes. A proposição tinha como objetivo um convite a projeção, através de uma viagem, em que os participantes foram convidados a sentar em cadeiras de forma confortável, com olhos fechados. Iniciei com uma técnica de respiração, que consistia em inspirar por 4 segundos, segurar por 4 segundos e soltar por 6 segundos, repetindo o processo algumas vezes. A técnica tinha como intenção proporcionar um relaxamento, possibilitando maior fluidez de ideias e imaginação.

Com os olhos fechados e uma música de fundo, como pesquisador fui conduzindo os participantes em uma viagem envolvendo suas histórias de vida e constituição enquanto sujeitos. Convido-os para pensar no seu Eu-criança, imaginar uma cena, ver quem estava presente, observar onde se passava essa cena, sentir um cheiro, ver que roupa estava usando, o que estava fazendo, como estava se sentindo. Lentamente, os convido para imaginar uma porta, e atrás dessa porta o Eu-criança encontra o seu Eu-adolescente. Pergunto, *como é esse encontro?* Solicito para que a viagem continue apenas com o Eu-adolescente. Novamente os convido para imaginar uma cena, utilizando as mesmas orientações. O Eu-adolescente agora encontra o seu Eu-presente. Outra vez, peço para que a viagem continue apenas com o Eu-presente. Finalizando esse momento, agora, o Eu-presente se encontra com o Eu-criança e o Eu-adolescente, os três de mãos dadas se olham, perguntam, *estamos satisfeitos com o caminho que percorremos? Como foi esse caminho para chegar até aqui?* Após, oriento que ainda de mãos dadas peçam desculpas por qualquer ocorrido durante o percurso, se abracem e que cada um possa seguir seu caminho: o Eu-criança e o Eu-adolescente voltando para o passado, e o Eu-presente retornando lentamente para a oficina.

Após esse processo, pergunto para os integrantes do grupo quem se sentia à vontade para falar da sua viagem, e assim os relatos iniciaram. Alguns, destacaram o sentimento de alegria nas cenas recordadas na infância, como andar de bicicleta, de estar inseridos em grupos de amigos. Outros não conseguiam expressar em palavras as cenas recordadas, denotando uma intensidade de sentimentos. Um dos participantes comentou que a cena não remetia para algo bom, questiono se o mesmo desejava abordar isso, respondendo que não. Já a respeito das cenas





experienciadas na adolescência, surgiram relatos de descobertas, junto com formas de fugir da realidade, pela busca por espaços que permitissem lidar com os conflitos internos. Comentaram sobre aspectos da sexualidade, envolta de questionamentos e sentimento de culpa, como expresso na seguinte fala “*me sentia como sendo o único gay no mundo*”. Ainda no momento do Eu-adolescente, emergiram falas de busca por referências, questões de baixa autoestima e o uso de humor auto pejorativo como forma de se esconder do mundo.

Seguindo a reflexão coletiva do grupo, no Eu-presente, e já abordando o encontro dos três Eu, surgiu o discurso de frustração, solidão, questões de sonhos não realizados, de insatisfações, principalmente de viver numa sociedade em que é necessário muitas vezes se moldar para viver e/ou sobreviver. Nesse ponto é importante questionar o quanto a matriz heterossexual estimula a produção de sujeitos abjetos, aqueles cujas práticas e existências desviam da heteronormatividade, isto é, em que gênero não decorre do sexo e cujo desejo não decorre nem do sexo nem do gênero. Tal processo envolve práticas discursivas situadas a partir das relações de poder, que institucionalizam a heterossexualidade como norma, e para que exista um ideal de normalidade, faz-se necessária a produção de seus contrastes complementares, ou seja, que sejam fabricadas noções de anormalidade. É nesse contexto que o abjeto diz respeito àquelas vidas que não são consideradas vidas e cuja materialidade é tida como sem importância. Nesse contexto de manutenção da matriz regulatória, muitos sujeitos LGBTQIA+, para não ocupar um lugar de abjeção, acabam performando conforme o padrão heteronormativo, com receio de que suas vidas sejam ameaçadas ou violadas (OLIVEIRA, 2013).

Após os relatos das experiências, novamente reforcei um dos acordos surgidos no primeiro encontro, que se alguém se sentisse desconfortável, eu estava disponível para conversar. Para minha surpresa, mesmo que na atividade demonstrassem ter experienciado fortes cargas emocionais, os participantes não referiram sentimentos de angústia ou desconforto. Relatavam que a atividade proporcionou uma forma de pensar sobre si, e que o espaço do grupo e as atividades estavam possibilitando novos olhares sobre as coisas, que até o momento eram observados como “normais”, coisas que até então não eram objetos de problematização.

Essa narrativa sobre o movimento do grupo dialoga com as ideias de Hur (2012), sobre o enquadramento vertical do dispositivo grupal que proporciona a territorialidade, a base e estabilidade necessária para que



ocorra o processo, as características fixas e constantes do dispositivo. Mas que também possui picos de desterritorialização, que se refere ao fomento de processos de produção da diferença, do novo e de expressão de intensidades. Podemos referir esse processo como a produção de linhas de fuga, de manifestações do inconsciente, de experimentação estética e de criação, capaz de agenciar novos discursos, afetos e subjetividades.

No seguimento da proposta do encontro, com a finalização do momento envolvendo a viagem, e conversando com as questões sobre sexualidade surgidas no Eu-adolescente, propus a produção de um cartaz. Neste cartaz, que continha a figura do corpo humano, solicitei que o grupo expressasse por meio de palavras (conforme a figura 2), o que era sexualidade e gênero, escrevendo dentro do corpo os sentidos de acordo com a sua opinião/vivência, e fora do corpo dimensões socialmente impostas a respeito dos temas. Sendo que, na parte interna foi descrito palavras como: Amizade, satisfação com o Eu, liberdade, amplitude, necessidade de amor, descoberta/ redescoberta, experiência, conexão, expressão, impulso, subjetividade, intimidade, amor, toque/olhar/pele, expressão do corpo, orgânico, pensamento, desejo. Já as palavras escritas fora do cartaz foram: exigência, rotulação, aparência, intimidação, moldes, padrões de beleza, necessidade de agradar, religião, pressão sociedade/família, imposição, ruído, sexo, trabalho, catálogo, gênero, performance, compras.

### **Figura 1: Fotografia Da Elaboração Do Cartaz, Terceiro Encontro**





*Fotografia tirada por um dos autores durante o processo grupal no terceiro encontro.*

Posterior a construção do cartaz, enquanto grupo, fomos observando como as palavras foram revelando-se na construção dos sentidos, e assim iniciamos o momento de diálogo. Algo que novamente chamou atenção foi a necessidade de utilizar rótulos para que outras pessoas, que se denominam heterossexuais, compreendessem a sexualidade e identidade de gênero. Contudo, os participantes apontaram que esses mesmos rótulos são empregados entre pessoas que se reconhecem como LGBTQIA+, o que é entendido como algo que limita, como se quem fugisse dessa prescrição inscrita nas siglas fosse visto como um ato de subversão da ordem nesta comunidade.

Ciente que a cultura se organiza conforme as bases heteronormativas, mesmos aqueles que fogem dessa coerência binária heterossexual são regulados em relação a normas existentes, em termos de continuidade e coerência. Ao se pensar na captura pelas identidades, como expõe Butler (2021), não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido interpretado por meio de significados culturais, em que o gênero não seja produzido discursivamente a partir das relações de poder e, especificamente, em meio às restrições normativas que produzem e regulam os corpos.

Alguns integrantes abordaram se sentir como pós-gênero, como um ato reivindicatório, para além do performar dentro das estruturas de gênero e sexualidades naturalizadas. Nos sentidos produzidos pelo grupo, reafirmou-se o direito para cada um performar a sua sexualidade e seu gênero, como base em desejos que não sejam interditados de antemão. Nessa direção, Butler (1993 *apud* OLIVEIRA, 2021) sustenta que pensar a sexualidade como efeito de práticas discursivas, historicamente situadas, confere possibilidades de desorganizar qualquer coerência ‘natural’ entre sexo, corpo e desejo, e que é em função de um discurso que podemos estabelecer uma fixidez ou condições de liberdade envolvendo o gênero e sexualidades.

Outro elemento envolvendo a heteronormatividade compreendeu o performar feminino (afeminado) de homens gays, que serviu para discussão da submissão e inferiorização do feminino, destituído dos privilégios nas relações de poder que estruturam os binarismos de gênero. Essa situação problematizada pelo grupo, faz refletir sobre a importância



da noção de comunidade (enquanto consciência de grupo, contexto de pertencimento, coletivo de forças, articulações identitárias) entre aqueles que se identificam como LGBTQIA+, e também na articulação com outros movimentos, como o feminista. Deste modo, a produção e ampliação de espaços coletivos pode possibilitar questionamentos e deslocamentos, modos de participação e subjetivação política, que permite aos sujeitos (re)existir, a partir do rompimento de certas normas que limitam, impõem lugares e tentam forçar a renúncia da diversidade, do devir.

## Quarto Encontro: A Resistência

Reafirmamos que gênero e sexualidades não estão fora da lei, sendo atravessados e produzidos por normas que buscam a sobrevivência de um determinado padrão cultural. Ambos são a produção ambivalente da lei, que não é apenas uma imposição cultural, visto que “ela exige a conformidade à sua própria noção de natureza” (BUTLER, 2021, p. 184). Portanto, a lei se legitima através da repetição até ser considerada naturalizada, sendo que na incapacidade ou na possibilidade de oposição de tais atos, são produzidos modos de resistência às relações arbitrárias e, condições para a transformação dos padrões normativos. É na dificuldade de repetir a cultura, que a mudança surge, mas para mudar é preciso se fazer ver, ouvir e existir (BUTLER, 2021).

Mesmo que inicialmente foram propostos três encontros, enquanto pesquisador e membro do grupo, percebi a necessidade de um quarto momento para abordar todos os objetivos elaborados no decorrer da pesquisa, sendo que os participantes concordaram com este momento de diálogo sobre os modos de resistência à heteronormatividade e como encerramento do processo grupal. Assim, busquei expor todos os materiais que haviam sido produzidos no decorrer dos encontros, para a partir da processualidade e dos sentidos construídos enquanto grupo, fosse permitido articular formas de resistências.

Como proposto, orientei os participantes a retomarem a dinâmica do primeiro encontro, mas desta vez se apresentando com linguagens verbais ou não verbais, e que pudesse considerar a influência dos encontros anteriores. Algo perceptível era uma maior liberdade de expressão, uma transformação de postura entre as duas apresentações, com maior confiança e superação da timidez. Nas falas, surgiram discursos carregados de potencialidade, envolvendo a importância de se permitir experienciar situações, do grupo como dispositivo capaz de



permitir novos olhares, algo marcado pela seguinte fala: “*não quero olhar quem eu sou, mas quem eu posso ser*”.

Após o momento de apresentação, convidei todos a fazer uma viagem, por meio dos materiais expostos, entre telas, cartazes e fotografias, introduzindo o tema da resistência. Conforme fomos realizando a viagem, analisamos que os materiais produzidos, por si mesmos demonstravam formas de resistência à heteronormatividade, ao ressignificarem e reafirmarem o caráter de construção social do sexo, sexualidade e gênero. Destacou-se também que o próprio grupo se estabeleceu como um ato de resistência, um ambiente de referência e de diálogo, que deu passagem a questionamentos, experiências e trocas entre seus integrantes, ampliando as formas de pensar, sentir e existir. O grupo como dispositivo de pesquisa-intervenção, atingiu seu propósito em criar um espaço para outros modos de subjetivação, apoiados nos vínculos, afetos e de uma maior liberdade na constituição de si.

Conforme os diálogos foram se desenvolvendo, um dos integrantes trouxe a fala “*resistir como única opção*”. Nesse momento percebi que para nós, pessoas LGBTQIA+, o fato de existir já é um ato de resistência, que em muitos momentos se faz como uma das únicas opções, como se fossemos colocados diante da seguinte escolha, “*se resiste e vive, ou morre tentando*”. À medida que os integrantes do grupo expressavam suas experiências e formas de resistências, surgiram perguntas como: “*por que resistir tanto?*”, “*por que existir incomoda tanto?*”. Questões que nos fizeram questionar a sociedade, a religião, a produção de normalidades, ou seja, tudo aquilo que se coloca como contraponto ao direito de viver, algo que reforçou o entendimento de que “[...] somente a partir de uma posição conscientemente desnaturalizada que podemos ver como a aparência da naturalidade é ela própria constituída” (BUTLER, 2021, p. 191). (Re)existir enquanto um ato político, no qual “[...] a desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada” (BUTLER, 2021, p. 256). Nesse sentido, reforçou a mobilização enquanto sujeitos políticos, que mesmo à margem das relações de poder dentro da sociedade, produzem consciências coletivas para fragilizar/romper com determinadas normas violentas e excludentes. Juntos, questionando os discursos ditos “naturais”, se fazendo ser visto, notado e percebido.

Outra perspectiva que emergiu neste e em outros encontros, foi a respeito dos sujeitos LGBTQIA+ que performam dentro da heteronormatividade (“se mantém no armário”). Das falas que se



desenvolveram a respeito, apresentou-se a percepção de uma ausência de referência e/ou de pertencimento enquanto comunidade, no sentido da não participação em coletivos de representação (como a UNA LGBT). Algo que me chamou a atenção, foi a fala de uma forma pejorativa, como se essas pessoas fizessem isso de forma consciente, pois *“as informações, os conhecimentos estão disponíveis para todos”*. Após essa fala, que deu a entender sobre uma certa hegemonia que envolve a experiência de se constituir LGBTQIA+, problematizei com o grupo sobre como a grande parte dos integrantes teve acesso ao ensino superior e a discussões políticas sobre sexualidades e gênero, e perguntei: *“será que todos têm o mesmo acesso às informações? E o que fazer com elas? Adianta ter informações, se não há um sentimento de representação nessas informações? Será que esses conhecimentos alcançam a realidade e condições de vida destas pessoas?”*. Para minha surpresa um dos integrantes trouxe a seguinte resposta: *“as pessoas fazem aquilo que podem, com aquilo que tem”*. Nesse momento, percebemos coletivamente que muitas pessoas LGBTQIA+, apesar de não estarem inseridas nos movimentos sociais e entidades, encontram no seu performar formas de resistir e existir, mesmo que reafirmando em determinados momentos os moldes da heteronorma, isto posto, que nenhuma forma de resistência é melhor ou pior.

Para encerrar o encontro, convidei os integrantes do grupo a elaborar uma carta, com o objetivo de expressar suas experiências envolvendo o processo grupal. As linhas destas cartas compõem a conclusão desta escrita, permitindo que as vozes destes sujeitos sejam visibilizadas e produzam uma síntese, mesmo que provisória e inacabada, do movimento-grupo, não no sentido de fechamento, mas de abertura para novos diálogos, sentidos e porquês.

## Considerações Finais

Agora nas considerações finais desse artigo, volto a proposta desta pesquisa que não visou encontrar respostas prontas ou novas normativas sociais, mas buscou promover questionamentos e a possibilidade de ampliar a abertura e escuta das nossas vozes LGBTQIA+. A partir do espaço potencializador do grupo, foi possível negociar e construir os significados de sexo, sexualidade, gênero, questionando nossas identidades e experiências, observando como a heteronormatividade está presente no cotidiano, tentando limitar e barrar outros modos de performar e viver. Ainda, o grupo se estabeleceu como um contexto



mobilizador de resistências, que deu passagem a questionamentos, experiências e trocas entre seus integrantes, ampliando as formas de pensar, sentir, criar e (re) existir.

A processualidade do grupo possibilitou condições para outros modos de subjetivação, apoiados nos vínculos, afetos e de maior liberdade na constituição de si. Com a cartografia como método de pesquisa, observo o quanto o sentido de sexo é subjetivo, embora coletivamente constituído e reafirmado, o que enfatiza sobre a importância de espaços que contribuam para o desenvolvimento, a experimentação livre da sexualidade e do sexo, construindo novos modos de relações sociais.

Em coletivo, foram articulados espaços de resistência, em que os materiais produzidos e as experiências foram compreendidas como possibilidades de se opor e desestabilizar a heteronormatividade. No coletivo, percebemos que todas as formas de existir e resistir são notáveis e retornando a frase surgida no grupo: “*as pessoas fazem aquilo que podem, com aquilo que tem*”.

Encerro com alguns fragmentos das cartas produzidas no final do último encontro. A todos/as/es meu muito obrigado! E com as palavras expressas através das cartas, busco dividir a riqueza que esse trabalho me propiciou, que todos/as/es possamos construir conjuntamente possibilidades de resistências, que remetam na construção de espaços de diálogos, questionamentos, representação política, linhas de fuga e condições para FLORESCER.

*“Florescer, crescer, viver e sentir. Florescer por mim, para mim. Produzir a mais bela flor, para que possa ver as mais belas borboletas, os maiores zangões e até os menores mosquitos. Crescer para me sentir completo e entender que sou firme e potente. Viver e sobreviver as mais belas tempestades, para que no fim, tenha visto novos floresceres, novas damas-da-noite brilhando mais que a lua. Sentir a mais leve brisa de verão tocando cada parte de mim. Poder sentir o ar entrando e saindo, sentir cada respiração. Florescer, crescer, viver e sentir”, Ione Lau.*

*“Sexo, gênero e resistência. De um modo geral e abrangente, somos a soma de tudo que vivemos. Absorvemos em todos os sentidos, o que os olhos vêem, o que os ouvidos ouvem, o que nosso tato sente. Meu sexo é um misto de amor e carne, meu gênero é fluido e minha resistência é a*



*capacidade de me adaptar ao ambiente a qual estou inserido. Sou a soma do que vivo, do que alimento meu corpo e alma”, Guilherme.*

*“Penso que toda minha participação neste trabalho foi voltada a palavra experiência. Afinal, é por meio das experiências que conhecemos, absorvemos, assimilamos, comparamos, refletimos e crescemos. Isso tudo é viver. Quanto mais experiência, mais vida, e assim, mais crescimento. Penso que este trabalho e o sexo tem isto em comum. São experiências compartilhadas, mas que cada um experimenta, absorve e internaliza de uma maneira subjetiva e única. Discutir a temática gerou um novo entendimento, um crescimento para cada um de nós, permitindo assim que reflitamos mais, nos abramos mais, nos experimentamos mais, para estarmos um passo mais próximo de experimentar com maior plenitude nós mesmos e nossa sexualidade” Roberto.*





## Referências

BAREMBLITT, Gregorio F. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1996.

BARP, Luiz Fernando Greiner et al. O surgimento do movimento LGBT no Oeste de Santa Catarina: desafios e lutas na construção da cidadania. *História: Questões & Debates*, v. 70, n. 1, p. 301-330, 2022.

BENEVIDES, Regina. Dispositivos em ação: o grupo. *Cadernos de subjetividade*, v. 1, n. 1, p. 97-106, 1996.

BORGES, Lenise Santana. Feminismos, teoria queer e psicologia social crítica: (re)contando histórias.... *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 2, p. 280-289, 2014, [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000200005>. Epub 29. Acesso em: 29 mar. 2021.

BUTLER, Judith. *Notes towards a performative theory of assembly*. Harvard: Harvard University Press, 2015. [Tradução para fins didáticos realizada por Leandro Soares da Silva. Eunápolis: UNEB, 2017.]

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio, 2021.

CAVAGNOLI, Murilo et al. Grupo-dispositivo de experiência estética: música e emancipação na atenção psicossocial a jovens em medidas socioeducativas. *Rizoma: Experiências interdisciplinares em ciências humanas e sociais aplicadas*, v. 5, n. 1, p. 52-74, 2020.

CAVAGNOLI, Murilo; MAHEIRIE, Kátia. A cartografia como estratégia metodológica à produção de dispositivos de intervenção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 32, n. 1, p. 64-71, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 10. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 9.ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019



GUATTARI, Felix. *As Três Ecologias*, Ed. Campinas & Papirus: São Paulo, 1990.

HUR, Domenico Uhng. O dispositivo de grupo na Esquizoanálise: tetralvência e esquizodrama. *Vínculo-Revista do NESME*, v. 9, n. 1, p. 18-26, 2012.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8 (2). 2009

MAHEIRIE, Katia. Questões teóricas e empíricas pautadas na dialética inclusão-exclusão social. In: SAWAIA, B. ALBUQUERQUE, R. BUSSARELO, F.R (orgs.). *Afeto & Comum: reflexões sobre a práxis psicossocial*. Alexa Cultural: São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, João Manuel de. *Desobediências de gênero*. Salvador: Devires, 2017.

OLIVEIRA, Kris Herik de. “Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria queer”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, e67637, 2021.

PASSOS, Eduardo et al. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 2009.

PEREIRA, Eliane Regina; SAWAIA, Bader Burihan. *Práticas grupais: Espaço de diálogo e potência*. São Carlos: Pedro & João, 2020.

SARA, SALIH. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2012.9788565381376. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565381376/>. Acesso em: 28 mar. 2021

SAWAIA, Bader. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Editora Vozes Limitada, 2017.



## “Questioning the why”: cartographies of LGBTQIA+ performativity and the resistance to heteronormativity

**ABSTRACT.** The research sought to analyze the performativity of LGBTQIA+ people, elaborating meanings attributed to sex, sexuality and gender, and the possibilities of resistance to heteronormativity. It appears as an attempt to produce resistance, articulated as creative actions aimed at emancipation. It presents paths and reflections that were developed from the parameters of cartographic research-intervention, which allowed the elaboration of goals in the course of the process, aiming to accompany modes of subjectivation. Therefore, the research focused on experimenting with a group device, supported by schizoanalytic aesthetic workshops, which allowed building knowledge with the group itself. Through the group as a research and intervention device, it was possible to articulate a space of resistance, in which the power of the meetings, of the materials produced, contributed to reaffirm the character of social construction of sex, sexuality and gender, producing possibilities of resistance to heteronormativity, by betting on questioning identity matrices, discoveries and experiments involving sex and other ways of performing bodies and existences.

**KEYWORDS:** LGBTQIA+. Gender. Sexuality. Cartography. Heteronormativity.

**Edson STAPASSOLA**

*Formado em Psicologia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Pós Graduando no IPPERG - Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Relações de Gênero.*

*E-mail: edsonstapassola@gmail.com*

**Anderson SCHUCK**

*Possui graduação em Psicologia (2010) e Pós Graduação em Saúde Mental - com ênfase em Dependência Química (2017) pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó, mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017). Doutorando em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professor da Universidade Comunitária da região de Chapecó - Unochapecó e da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Integrante do NUPSEX - Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero - UFRGS. Atua com temas relacionados ao*



*estudo de gênero e diversidade sexual, direitos humanos, conservadorismos e práticas sexuais, população em situação de rua e políticas públicas.*

*E-mail: andersons@unochapeco.edu.br*

*Recebido em: 01/02/2023*

*Aprovado em: 31/05/2024*